



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal da Grande Dourados
Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologias



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA – FACET
QUÍMICA - LICENCIATURA

MARIA JÚLIA BARROSO RODRIGUES

ESTUDAR, TRABALHAR E ESTAGIAR: NA CONTRAMÃO DE
FORMAR PROFESSORAS DE QUÍMICA NO PERÍODO NOTURNO

Dourados-MS
Dezembro/2025

MARIA JÚLIA BARROSO RODRIGUES

ESTUDAR, TRABALHAR E ESTAGIAR: NA CONTRAMÃO DE
FORMAR PROFESSORAS DE QUÍMICA NO PERÍODO NOTURNO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal da
Grande Dourados, para fins de obtenção do
diploma de Química Licenciatura.

Orientadora: Prof. Dr. Adriana Marques de
Oliveira.

Área de concentração: ensino.

Dourados

Dezembro/2025

MARIA JÚLIA BARROSO RODRIGUES

Estudar, trabalhar e estagiar: na contramão de formar professoras de Química no período noturno

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado(a) em Química junto à Universidade Federal da Grande Dourados.

Aprovada no dia 11 de dezembro.

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA MARQUES DE OLIVEIRA**
Data: 15/12/2025 19:20:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Adriana Marques de Oliveira (Orientador(a))

Documento assinado digitalmente
 **VIVIAN DOS SANTOS CALIXTO**
Data: 15/12/2025 17:09:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Vivian dos Santos Calixto (Membro)

Documento assinado digitalmente
 **RITA DE CÁSSIA ALBERTINAZI MIZUNO**
Data: 15/12/2025 14:43:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Rita de Cássia Albertinazi Mizuno (Membro)

Dourados
2025

Dedicatória

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres que, como eu, lutam para romper as barreiras da adversidade e insistem em ocupar espaços que, historicamente, foram negados a nós. A minha trajetória, repleta de desafios, é um reflexo de minha vivência enquanto mulher, trabalhadora e estudante. E, ao refletir sobre minha caminhada, percebo que ela não é apenas minha, ela é a de tantas outras que, assim como eu, enfrentam as dificuldades do sistema educacional, as desigualdades de gênero e as limitações impostas pelas condições sociais.

Escolhi dar voz a essa vivência porque sei que, muitas vezes, alunas com o mesmo perfil que o meu não conseguem chegar até aqui. O caminho é tortuoso, e as dificuldades são grandes, mas o que me moveu e continua me movendo, é a crença de que a educação é, de fato, um ato de resistência e de libertação. E ressalto que escrever no feminino universal é um ato político de afirmação, que desafia a neutralidade da academia e reconhece a força e a resistência das mulheres que, por muitas vezes, lutam sozinhas.

Portanto, dedico este trabalho a todas as mulheres que continuam a se desafiar, a educar e a resistir. Que, ao lerem essas palavras, possam encontrar força para seguir, assim como eu encontrei ao realizar esse trabalho.

Epígrafe

“A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (Freire, 2018, p. 11).

Agradecimentos

Expresso por meio dessa escrita, minha gratidão à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Adriana Marques de Oliveira, por sua orientação generosa, onde cada gesto seu é uma poesia em si. Sua paciência, atenção e dedicação transcendem a rotina acadêmica. Como uma boa ouvinte, ela ouviu minhas palavras e pensamentos, às vezes devaneios, mas sempre com muita delicadeza. Suas críticas construtivas foram como ventos suaves, que me guiavam para o caminho da reflexão e da melhoria. Que sorte a minha, ter cruzado com sua sabedoria no caminho, e com certeza, espero poder contar com sua orientação em outros trabalhos e desafios.

A Evandro Conceição de Souza, meu companheiro de trajetória, meu amigo incansável. Desde o início do curso, estive ao meu lado, não apenas como colega, mas como um aliado em uma jornada compartilhada. Nos acompanhamos, dividimos dificuldades, e juntos, nas nossas risadas e cansaços, criamos um elo que transcende os limites da sala de aula. Com sua dedicação e perseverança, foi o suporte constante, mesmo nos momentos em que o cansaço ameaçava nos desanimar. A ele, minha gratidão que se eterniza.

E ao meu parceiro romântico, que sempre foi a minha âncora. Aquele que não apenas acreditou em mim, mas que, com gestos simples e amorosos, me ajudou a encontrar o equilíbrio entre o afeto e a busca pelo conhecimento. Nos momentos de desânimo, foi seu carinho, sua paciência e seu amor que me aqueceram e me impulsionaram a continuar, mesmo quando o mundo parecia pesado. Ele com o seu olhar atento, nunca deixou que eu perdesse de vista meus objetivos, me lembrando sempre de que juntos podemos superar qualquer desafio. Ao meu querido, meu amor, minha eterna gratidão.

As participantes da pesquisa que concordaram em compartilhar suas experiências, permitindo que este trabalho fosse possível. Suas narrativas são uma importante contribuição para a reflexão sobre a formação das professoras no Brasil, e especialmente sobre os desafios enfrentados pelas estagiárias trabalhadoras do período noturno.

Finalmente, agradeço à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia (FACET), por oferecerem um espaço de aprendizado que me permitiu concluir minha formação com excelência.

Sumário

Resumo	8
Abstract.....	8
Estágio na formação inicial: uma visão no feminino a partir das Escrevivências.....	9
2 A formação inicial de professoras: desafios e possibilidades	10
2.1. O estágio supervisionado: desafios e perspectivas	12
2.2. O ensino noturno: realidade e desafios para as estagiárias trabalhadoras	14
4 Metodologia.....	16
4.1. Elaboração e validação das perguntas catalisadoras da Escrevivência	17
4.2. Processo imersivo nas Escrevivências: aproximações com a pesquisa narrativa....	22
5 Dificuldades e conciliações vivenciadas pelas estagiárias trabalhadoras do curso de licenciatura em química do período noturno.....	23
5.1. Análise das Escrevivências das estagiárias trabalhadoras.....	27
6 Formação docente na contramão: Reflexões finais sobre estudo, trabalho e Estágio .	30
Referências	33

Estudar, trabalhar e estagiar: na contramão de formar professoras de Química no período noturno

Studying, working and doing internships: going against the grain of training Chemistry teachers for the evening shift.

Resumo: Este estudo tem como objetivo compreender as escritas relatadas pelas estagiárias trabalhadoras matriculadas no componente curricular de Estágio Supervisionado V (ES V) do período noturno, do segundo semestre de 2025 do curso de Licenciatura em Química da UFGD. A pesquisa é qualitativa, fundamentada nas Escrivências de três licenciandas, que narram suas trajetórias acadêmicas e os desafios enfrentados para integrar as três demandas em suas rotinas diárias. Para constituição de informações empíricas, foram utilizadas perguntas catalisadoras, validadas por colaboradoras da pesquisa, e a análise se deu por meio da pesquisa narrativa, com ênfase nas experiências vividas pelas participantes (Dorneles, 2016; Clandinin & Connelly, 2011). A metodologia envolveu a análise das narrativas, com base na teoria de Escrivência, proposta por Conceição Evaristo (2020), que contribui para a compreensão das subjetividades e resistências dessas mulheres em formação docente. Os resultados apontam que as estagiárias enfrentam desafios estruturais, como longos deslocamentos e a necessidade de reorganizar constantemente seus horários, o que impacta diretamente no desempenho acadêmico e no bem-estar emocional. No entanto, também são destacadas estratégias de resistência, como a construção de redes de apoio e o engajamento em programas como o PIBID, que favorecem a permanência na universidade. O estudo sugere a necessidade de flexibilização das políticas institucionais de estágio para melhor atender às condições das estagiárias trabalhadoras do período noturno.

Palavras-chave: Escrivência. Escrita no feminino. Desigualdade educacional.

Abstract: This study aims to understand the written accounts provided by working interns enrolled in the Supervised Internship V (ES V) component of the evening program, in the second semester of 2025, of the Chemistry Licentiate course at UFGD. This is a qualitative research study, based on the lived experiences of three undergraduate students who narrate their academic journeys and the challenges they faced in integrating the three demands into their daily routines. For data collection, Catalyst questions, validated by research collaborators, were used, and the analysis was conducted through narrative research, with an emphasis on the lived experiences of the participants (Dorneles, 2016; Clandinin & Connelly, 2011). The methodology involved the analysis of narratives, based on the theory of Writing-Life, proposed by Conceição Evaristo (2020), which contributes to the understanding of the subjectivities and resistances of these women in teacher training. The methodology involved the analysis of narratives, based on the theory of Writing-Life, proposed by Conceição Evaristo (2020), which contributes to the understanding of the subjectivities and resistances of these women in teacher training. However,

resistance strategies are also highlighted, such as building support networks and engaging in programs like PIBID, which favor remaining in university. The study suggests the need for more flexible institutional internship policies to better meet the conditions of working interns during the evening shift.

Keywords: Writing from a lived experience. Writing in the feminine. Educational inequality.

Estágio na formação inicial: uma visão no feminino a partir das Escrevivências

O presente artigo apresenta-se um estilo diferente, escrevo¹ no feminino para trazer uma coerência textual à minha existência. Entretanto, as palavras escritas no feminino não significam que este manuscrito não tenha destinatários homens ou colaboradores homens. Ao contrário, exatamente porque o lugar dos homens está tão bem assegurado na pesquisa acadêmica é que arrisquei a escrever no feminino universal (Diniz, 2024). Essa decisão reflete o compromisso de resgatar as vozes de mulheres que, ao longo da história, foram/são apagadas perante normas e leis, as quais sempre foram construídas e desenvolvidas para o público masculino.

A catarse que gerou a temática desse artigo, advém de minha Escrevivência, autora desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma acadêmica do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que compartilha suas experiências e inquietações acerca do componente curricular Estágio Supervisionado (ES), destacando as dificuldades em conciliar a carga horária do Estágio com os compromissos profissionais.

Sublinho que a Escrevivência foi cunhada por Conceição Evaristo (2020) e delineia uma escrita viva, uma escrita que carrega a individualidade do ser e a coletividade constituída em como nos vemos, ou seja, diz sobre nossa subjetividade, a qual se desenvolve na vivência. Defendemos que escrever sobre histórias de si vem na contramão de uma educação neutra e universal (Evaristo, 2020a).

Nesse ínterim, pretendo entrelaçar conceitos inerentes a formação de professoras, mais especificamente no campo do ES e Escrevivências tanto de estagiárias – colaboradoras dessa pesquisa – quanto minha, autora desse TCC.

Nesse contexto, a formação de professoras no Brasil, se encontra em constante transformação, marcada por desafios estruturais que afetam a qualidade do ensino e as condições de trabalho das futuras docentes. A formação inicial de professoras,

¹ O texto é descrito na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural, à medida que expressam individualidades e ou coletividades da autora.

especialmente no contexto do ensino noturno, enfrenta um cenário ainda mais complexo, pois, envolve a articulação dessas demandas na vida das estudantes, como o trabalho e os estudos.

Como afirmam Farias (2010) e Pimenta (2012), a formação docente precisa ser um processo integrador entre teoria e prática, sendo fundamental que as futuras professoras desenvolvam uma prática pedagógica reflexiva que leve em conta as condições sociais e econômicas na qual as estudantes estão inseridas.

Entre os desafios pelos quais as estudantes trabalhadoras enfrentam, destaca-se a realização do ES, um componente curricular essencial na formação de professoras, mas, que muitas vezes esbarra nas dificuldades estruturais das escolas e nas condições precárias de trabalho. A exigência de cumprir a carga horária de estágio, principalmente para aquelas que trabalham durante o dia e estudam à noite, torna-se uma tarefa árdua. Como descreve Carvalho (2017), o ES é ao mesmo tempo, uma oportunidade e um desafio, pois coloca a futura docente em contato direto com a realidade escolar, ao mesmo tempo em que exige dela uma dedicação plena, o que nem sempre é possível para quem tem outras obrigações, como o trabalho.

Posto isso, este estudo tem como objetivo geral compreender as Escrivências das estagiárias trabalhadoras matriculadas no componente curricular de Estágio Supervisionado V (ES V) do período noturno, do segundo semestre de 2025 do curso de Licenciatura em Química da UFGD. Para tanto, desdobraram-se os seguintes objetivos específicos: a) mapear as estagiárias trabalhadoras em ES V; b) analisar as dificuldades vivenciadas pelas estagiárias trabalhadoras na articulação dessas três demandas: estudo, trabalho e Estágio; c) compreender as estratégias de estudo utilizadas pelas estagiárias trabalhadoras; c) discutir as condições institucionais oferecidas pela UFGD às estagiárias trabalhadoras do período noturno no âmbito do ES V.

A questão central que orientou esta pesquisa foi: “Como as estagiárias trabalhadoras do Curso de Licenciatura em Química do período noturno matriculadas no segundo semestre de 2025 conciliam o estudo, trabalho e o componente curricular de ES V?”.

2 A formação inicial de professoras: desafios e possibilidades

A formação inicial de professoras constitui um processo complexo, marcado por disputas históricas, políticas e institucionais que moldam tanto os currículos das

Licenciaturas, quanto as condições concretas em que as futuras docentes constroem sua identidade profissional (Marques-de-Oliveira e Ferreira, 2020).

De acordo com Perboni, Militão e Figueiredo (2020), a organização e concepção dos Estágios nas Licenciaturas variam conforme mudanças sociais e políticas, que redefinem continuamente as expectativas e os modos de preparar professoras, produzindo modelos de Estágio heterogêneos e muitas vezes, contraditórios entre si, o que revela “variações entre os cursos e instituições de ensino, podendo ser organizado dentro da mesma universidade de forma completamente diferente” (Perboni; Militão; Figueiredo, 2020, p. 90).

Essa instabilidade estrutural tem impacto direto na qualidade da formação inicial, especialmente quando se considera o lugar central do ES como espaço de aproximação entre teoria e prática. Conforme Carvalho (2017) o Estágio desempenha um papel essencial na constituição da identidade docente, pois, possibilita que a licencianda vivencie a escola como espaço formativo, em que se entrecruzam conhecimentos científicos, pedagógicos e cotidianos.

Perboni, Militão e Figueiredo (2020) reforçam esse diagnóstico ao apontar que o cotidiano escolar tende a impor a estagiária um modo de atuação pouco flexível, alinhado às práticas e rotinas já estabelecidas na escola. Segundo as Autoras:

“A rotina escolar faz com que exista uma maneira de atuar pouco flexível, a estagiária acaba tendo de se moldar ao padrão de cada instituição o que torna difícil a aplicação de um modelo de ensino diferente a partir de reflexões teóricas e metodológicas às vezes diferentes das comumente utilizadas pelas professoras da escola” (Perboni; Militão; Figueiredo, 2020, p. 92).

Essa limitação impacta diretamente a possibilidade de desenvolver práticas docentes reflexivas e inovadoras, dimensão amplamente defendida por Pimenta (2012), para quem o Estágio deveria promover a superação de modelos tradicionais e estimular a análise crítica da realidade escolar. Quando as condições institucionais são adversas, o Estágio perde parte de seu potencial transformador, tornando-se mais um mecanismo de reprodução do que de reflexão.

Dessa forma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), define que a formação de professoras deve ser voltada não apenas para a aquisição de conhecimentos pedagógicos, mas também para o desenvolvimento de uma prática reflexiva, que permita

as licenciandas compreenderem e enfrentarem as realidades complexas da educação básica (Brasil, 1996).

Na mesma ótica, Freire (2018), em *Pedagogia do Oprimido*, aponta que a educação precisa ser um processo de libertação, sendo crucial que as docentes em formação se envolvam com as desigualdades sociais, educacionais e estruturais que marcam a realidade das muitas alunas, especialmente as mais marginalizadas.

Nesse cenário, o ES se configura como uma experiência formativa central, na qual a licencianda vivencia a realidade escolar, integrando o conhecimento teórico estudado ao longo do curso com as demandas práticas da sala de aula (Carvalho, 2017). No entanto, a realização do estágio não se dá de forma simples ou isenta de desafios, como será abordado a seguir.

2.1. O estágio supervisionado: desafios e perspectivas

O ES é um dos componentes basilares na formação inicial de professoras, pois permite a vivência no/do cotidiano escolar. Carvalho (2017) argumenta que os Estágios desempenham um papel fundamental na articulação entre o conhecimento teórico e as realidades pedagógicas vivenciadas pelas futuras docentes. Contudo, o Estágio também traz desafios consideráveis, especialmente em contextos como o descrito nesse trabalho em tela, em que as licenciandas precisam conciliar as exigências normativas do Curso com as dificuldades estruturais e logísticas da realização do Estágio em escolas públicas de Ensino Médio.

De acordo com Pimenta e Lima (2017), o Estágio não é mero espaço de aplicação mecânica de técnicas, mas atividade teórico-prática articulada, cujo objetivo é integrar os conhecimentos construídos ao longo do curso às situações reais da escola. As autoras destacam que o Estágio precisa, projetar a licencianda uma aproximação com a realidade na qual atuará profissionalmente, articulando pressupostos teórico-práticos estudados ao longo a trajetória acadêmica. Essa concepção, no entanto, exige superar visões reducionistas que entendem o Estágio como prática isolada ou como simples treinamento².

Além do engessamento das práticas escolares, os estudos de Perboni, Militão e Figueiredo (2020) apontam para desafios estruturais mais amplos, relacionados à precarização do trabalho docente e da formação inicial. As autoras discutem que, no

² Vale destacar que a Resolução Nº 4, de 29 de maio DE 2024 descaracteriza completamente o Estágio alocando-o exclusivamente a escola, ou seja, é entendido como um mero treinamento com ênfase no praticismo.

contexto das políticas neoliberais, há um enfraquecimento da valorização do Estágio como componente curricular, deixando “brechas para a descaracterização do próprio Estágio e até mesmo a não responsabilidade de um professor específico e qualificado para responder por esse componente curricular” (Pimenta; Lima, 2017, p. 80). Esse cenário compromete diretamente a qualidade da supervisão e o acompanhamento necessário às licenciandas.

As análises de Perboni, Militão e Figueiredo (2020), tornam evidente que esses desafios ganham contornos ainda mais complexos no caso de licenciandas que precisam conciliar estágio, trabalho e estudos, situação especialmente presente no período noturno. Em suas pesquisas, as autoras demonstram que as instituições muitas vezes não oferecem aulas suficientes no noturno, para que os Estágios sejam realizados, obrigando as estagiárias a se deslocarem para períodos diurnos ou a realizarem Estágios em duplas, o que limita sua vivência prática. Como relata uma egressa no artigo mencionado: “no final de 2015 migrei para o curso do período noturno, assim cursei poucas disciplinas nesse período, não possibilitando conciliar o Estágio com as aulas na universidade” (Perboni; Militão; Figueiredo, 2020, p. 177).

Outro aspecto destacado pelas autoras é o encaixe de horários, especialmente para estagiárias trabalhadoras. O depoimento de uma egressa evidencia essa tensão: “no Estágio que eu fazia na época da faculdade, eu conseguia trocar dias ou cumprir horas em outros períodos para conciliar com os horários do Estágio obrigatório” (Perboni; Militão; Figueiredo, 2020, p. 177).

Os dados apresentados por Perboni, Militão e Figueiredo (2020) mostram que entre as egressas entrevistadas, 75% não trabalhavam durante a licenciatura e apenas 12,5% trabalhavam integralmente, enquanto outros 12,5% trabalhavam esporadicamente. Ainda assim, aquelas que trabalhavam apontaram que o Estágio era uma das maiores dificuldades enfrentadas justamente pela incompatibilidade de horários e pela exigência de disponibilidade que não condiz com a realidade das estudantes trabalhadoras do período noturno.

Nesse sentido, os desafios do ES ultrapassam questões pedagógicas e didáticas, tornando-se sobretudo desafios sociais, estruturais e temporais. A formação inicial está organizada, em grande parte, para uma estudante idealizada, alguém sem trabalho, sem filhos, com tempo livre para deslocamentos e prática docente em períodos diurnos. Esse modelo invisibiliza trajetórias como as das estagiárias trabalhadoras, reforçando desigualdades de classe, gênero e tempo.

Diante desse cenário, emerge a necessidade de estudar perspectivas que fortaleçam o Estágio como espaço de produção de conhecimento e desenvolvimento profissional, e não apenas como requisito curricular. Pimenta e Lima (2017) defendem que o Estágio, quando articulado à pesquisa, possibilita o desenvolvimento da autonomia intelectual, política e científica das licenciandas, favorecendo uma formação crítica e comprometida com a transformação social. Além disso, o ES, apesar de ser um espaço de formação, muitas vezes não oferece as licenciandas as condições ideais para desenvolver uma prática pedagógica crítica e libertadora, como preconizado por Freire (2018).

2.2. O ensino noturno: realidade e desafios para as estagiárias trabalhadoras

O ensino noturno no Brasil constitui um espaço marcado por contradições estruturais que revelam, de forma explícita a relação entre trabalho, escolarização e desigualdades sociais. Em sua análise clássica sobre essa modalidade, Carvalho (2001), demonstra que o cotidiano vivido pelas estudantes do noturno é profundamente distinto daquele experienciado no período diurno, expressando as condições materiais que atravessam a vida das classes trabalhadoras.

A autora enfatiza que as estudantes do noturno chegam à escola após um dia inteiro de trabalho, trazendo consigo cansaço, limitações temporais e pressões produtivas que moldam sua relação com o estudo. Nesse sentido, o ensino noturno resulta de um conjunto de exigências sociais específicas, pois “o que caracteriza a vida é o trabalho: é ele que fixa os limites do estudo, do lazer e do descanso” (Carvalho, 2001, p. 93). Esse condicionamento revela que a experiência escolar das estudantes trabalhadoras não pode ser compreendida fora da organização social do trabalho que determina seus ritmos, possibilidades e impossibilidades.

Ao descrever a singularidade dessa modalidade de ensino, Carvalho (2001), argumenta que o noturno expressa um cotidiano carregado de incertezas, exaustão e limitações objetivas, sobretudo porque o estudante trabalhador utiliza as brechas do tempo, como horas de almoço, intervalos ou fins de semana, para realizar tarefas escolares. Como afirmam os depoimentos analisados pela autora, a estudante frequentemente “rouba” tempo do descanso, do sono e do lazer para conseguir estudar, visto que “o único dia da gente é o domingo e precisa fazer a lição, copiar, estudar. Nem dá para descansar” (Carvalho, 2001, p. 94).

Dessa forma a realização dos estágios demanda planejamento e dedicação “muitas vezes do tempo que não dispomos no nosso cotidiano em vista do trabalho de muitas de nós e a aulas da universidade” (Perboni; Militão; Figueiredo, 2020, p. 178), revelando de forma contundente a centralidade do trabalho na organização da vida das licenciandas do período noturno. Essa percepção dialoga diretamente com a análise de Carvalho (2001), quando afirma que, para as estudantes trabalhadoras, o tempo de estudo é constantemente “roubado” do descanso e do lazer, pois, é o trabalho que fixa os limites para as demais tarefas da vida.

Essa dinâmica evidencia uma forma de violência temporal, na qual o relógio e a disciplina imposta pelo mundo do trabalho se infiltram no processo de escolarização, produzindo uma sensação constante de urgência e insuficiência. A autora ressalta que essa pressão é tão marcante que muitos estudantes relatam sua rotina apenas por meio dos horários, revelando como o tempo controla integralmente sua vida.

Além disso, o ensino noturno expressa de maneira aguda a divisão social de classes. Conforme Carvalho (2001), são principalmente os estudantes de origem operária que se matriculam no noturno, e o fazem não por escolha, mas porque é “pelo fato de estar trabalhando ou procurando trabalho que ele se matricula na escola” (Carvalho, 2001, p. 39). Assim, a unificação formal do currículo entre diurno e noturno não garante a igualdade de oportunidades, pois aulas no período diurno e aulas após uma jornada de trabalho configuram realidades formativas completamente distintas. A autora afirma que essa diferença de condições “expressa a divisão em classes sociais que se reproduz no interior do ambiente escolar” (Carvalho, 2001, p. 39), revelando que a escola, longe de neutralizar desigualdades, frequentemente as reafirma.

Mesmo quando o Estado mantém cursos noturnos com a intenção de ampliar o acesso, Carvalho (2001), observa que há uma profunda desconexão entre a oferta educativa e as possibilidades reais dos estudantes. O tipo de curso oferecido e as exigências institucionais “não coincidem” com a vida do trabalhador, que precisa conciliar emprego, deslocamentos, cuidado familiar e estudo (Carvalho, 2001, p. 33). É nesse ponto que o ensino noturno se torna contraditório, ele existe para atender trabalhadores, mas sua organização desconsidera as condições concretas desses sujeitos.

As tentativas de reformular o noturno por meio de mudanças administrativas, como redução de carga horária, reorganização curricular ou ampliação de anos letivos, não alteram essa dinâmica, pois não tocam o ponto fundamental: a condição social da aluna-trabalhadora. Para Carvalho (2001), enquanto essa condição não for questionada

pela própria escola, não haverá transformação efetiva. Por isso a autora afirma que “é o próprio conceito de trabalho que precisa ser reformulado” (Carvalho, 2001, p. 15), indicando que as políticas educacionais não podem ignorar o vínculo estrutural entre trabalho e escolarização.

Outro aspecto essencial destacado pela autora refere-se à reprodução das desigualdades dentro da própria escola. A partir das práticas pedagógicas, a desigualdade social tende a ser convertida em desigualdade escolar consagrando “uma desigualdade de oportunidades de acesso aos graus mais elevados de ensino” (Carvalho, 2001, p. 18). Essa reprodução é ainda mais intensa no noturno, onde as condições de estudo são mais restritas e as exigências escolares frequentemente não consideram o estatuto social de trabalhador que os estudantes carregam. Carvalho (2001) acrescenta que, embora o capitalismo contemporâneo não recuse formalmente o acesso à escola, ele recusa o direito do trabalhador de dialogar a partir de sua prática social e de ser reconhecido em sua condição concreta. A escola, ao exercer sua função autoritária, “qualifica a mão-de-obra e, ao mesmo tempo, distribui diferentemente o saber” (Carvalho, 2001, p.100), reforçando a estratificação social.

Na mesma obra, as autoras assinalam que “um outro olhar que esta pesquisa contribui referiu-se as estagiárias trabalhadoras”, destacando ser “crucial a aproximação dialógica - de conhecer a realidade de cada licencianda - e dos demais agentes envolvidos no campo do ES – professor supervisor e professor orientador – para que, de fato, a estagiária consiga realizar o Estágio de acordo com suas possibilidades e que seja formativo esse processo” (Perboni; Militão; Figueiredo, 2020, p. 181). Essa defesa de uma aproximação dialógica entre licenciandas, professoras supervisoras e orientadoras, converge com a compreensão de ensino noturno apresentada por Carvalho (2001).

Nesse sentido, compreender o ensino noturno é compreender a formação dessas estagiárias: uma formação marcada por desigualdades estruturais, pela sobreposição entre trabalho e estudo, e pela necessidade contínua de resistência. O noturno, enquanto modalidade torna visíveis as contradições entre as políticas educacionais e a vida real das estudantes trabalhadoras, revelando que a formação docente, quando pensada a partir de sujeitos concretos, exige o reconhecimento desses atravessamentos e a construção de práticas mais humanizadas, críticas e socialmente comprometidas.

4 Metodologia

A pesquisa se caracteriza como uma abordagem qualitativa, voltada para o objetivo de compreender as Escrevivências das estagiárias trabalhadoras matriculadas no componente curricular de ES V do período noturno, do segundo semestre de 2025 do curso de Licenciatura em Química da UFGD.

A seleção das colaboradoras da pesquisa teve os seguintes critérios: a) ser uma estagiária trabalhadora do curso de Licenciatura em Química da UFGD; b) estar cursando o ES V no período noturno; c) concordar com a participação voluntária para a pesquisa.

Os relatos das escritas - nomeamos de Escrevivências³. Essa escrita foi realizada a partir de perguntas catalisadoras, as quais foram validadas por um outro grupo de colaboradoras, conforme expressamos no próximo tópico. Asseguramos o sigilo das participantes por meio de codinomes.

4.1. Elaboração e validação das perguntas catalisadoras da Escrevivência

A primeira etapa consistiu na elaboração e validação das perguntas catalisadoras que orientaram as Escrevivências. Nesse ínterim, as questões foram submetidas a quatro mestrands e duas estudantes de graduação, que analisaram, a pertinência e o alinhamento com os objetivos da pesquisa. O quadro abaixo apresenta as questões que foram validadas pelas colaboradoras mencionadas.

Quadro 1: Questões a serem validadas.

Cabeçalho introdutório	Perguntas catalisadoras
Universidade Federal da Grande Dourados Curso: Licenciatura em Química Prezadas estagiárias, Estou realizando a escrita de um artigo para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo título é: Estudar, trabalhar e estagiar: na contramão do formar professoras de Química do período noturno. O objetivo da pesquisa centra-se em compreender como Estagiárias Trabalhadoras, conciliam trabalho, estudo e o Estágio Supervisionado, na jornada do período noturno. Nesse contexto, as escritas dos relatos de vocês serão fundamentais para a estruturação e segmento desse estudo. A seguir disponibilizamos perguntas catalisadoras para auxiliar o desenvolvimento dessa escrita, mas não se sintam presas somente as perguntas, fiquem a vontade para	1. Qual ano você entrou no Curso de Licenciatura em Química?
	2. Você tem trabalho remunerado? É bolsista? Se sim, descreva um pouco mais sobre seu trabalho ou projetos de pesquisa, ensino ou extensão que faça parte.
	3. Reside em qual cidade?
	4. Quais Estágios você já concluiu no Curso de Licenciatura em Química?

³ o intento de nomear de Escrevivências foi para valorizar as vozes das mulheres trabalhadoras e estagiárias do Curso de Licenciatura em Química.

compartilhar suas experiências de forma honesta e detalhada, todas as informações serão tratadas com sigilo e respeito. Antes de iniciarmos o relato sobre suas experiências, escolha um codinome que gostaria de ser representada: Perguntas catalisadoras.	5. Como você articula seu tempo entre as demandas do Estágio Supervisionado e o seu trabalho?
	6. Quais as dificuldades que você encontrou ao realizar os Estágios?
	7. Como foi para você encontrar escolas para realizar o Estágio Supervisionado ao longo do Curso?
	8. Se você trabalha descreva sobre os desafios que você enfrenta ao tentar conciliar o trabalho, estudo e estágio?

Fonte: Elaborada pelas autoras.

No intento de manter o sigilo de identidade das colaboradoras envolvidas na etapa de validação desse questionário, utilizamos codinomes inspirados nas espécies da fauna de Mato Grosso do Sul (MS), estado que residimos, cuja biodiversidade é amplamente reconhecida. Dessa forma, expressamos as contribuições realizadas sem expor as colaboradoras, mantendo os princípios éticos da pesquisa.

Ante o exposto, selecionamos as seguintes espécies: Onça-pintada, Garça, Capivara, Onça-parda, Arara-azul. Somente o codinome Borboleta azul, que foi escolhido exclusivamente pela colaboradora, não sofrendo alteração pelas partes.

Quadro 2: Processo de validação.

Colaboradoras da pesquisa	Questão de referência	Sugestões	Justificativa das pesquisadoras em manter ou alterar
Onça-parda	Título do artigo. Estudar, trabalhar e estagiar: Na Contramão do formar professoras de Química do período noturno.	Oi. Fiz a leitura! Contramão deixei grifado pois me lembra um sentido contrário. Pelo título não vi a ideia de oposição, sugiro a troca por uma outra palavra. Fui pensando em alguns, mas não sei se concordariam, ou se entende o que quero dizer. Estudar, trabalhar e estagiar: os entraves na formação de professoras de Química do período noturno Estudar, trabalhar e estagiar: percursos que desafiam a formação de professoras de Química do período noturno Estudar, trabalhar e estagiar: dilemas da formação de professoras de Química no período noturno	Não aderimos a mudança, pois, o conceito da palavra contramão é para trazer o intuito de sentido contrário.
	Texto introdutório/informativo. Estou realizando a escrita de um artigo para meu	Estou realizando a escrita de um artigo para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo título é: Estudar, trabalhar e estagiar: na contramão do formar professoras de Química do período noturno.	

Arara-azul	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo título é: Estudar, trabalhar e estagiar: na contramão do formar professoras de Química do período noturno. O objetivo da pesquisa centra-se em compreender como Estagiárias Trabalhadoras, conciliam trabalho, estudo e o Estágio Supervisionado, na jornada do período noturno. Nesse contexto, as escritas dos relatos de vocês serão fundamentais para a estruturação e segmento desse estudo. A seguir disponibilizamos perguntas catalisadoras para auxiliar o desenvolvimento dessa escrita, mas não se sintam presas somente as perguntas, fiquem à vontade para compartilhar suas experiências de forma honesta e detalhada, todas as informações serão tratadas com sigilo e respeito. Antes de iniciarmos o relato sobre suas experiências, escolha um codinome que gostaria de ser representada:.....!	O objetivo da pesquisa centra-se em compreender como Estagiárias Trabalhadoras, conciliam trabalho, estudo e o Estágio Supervisionado, na jornada do período noturno. Nesse contexto, as escritas dos relatos de vocês serão fundamentais para a estruturação e segmento desse estudo. A seguir disponibilizamos perguntas catalisadoras para auxiliar o desenvolvimento dessa escrita, mas não se sintam presas somente as perguntas, fiquem à vontade para compartilhar suas experiências de forma honesta e detalhada, todas as informações serão tratadas com sigilo e respeito. Antes de iniciarmos o relato sobre suas experiências, escolha um codinome que gostaria de ser representada:.....!	Aderimos a mudança, pois, organizou melhor o corpo do texto visualmente.
Onça-pintada		you exerce alguma atividade extra estudo, que demande tempo e exclusividade de sua pessoa? "tem que lembrar que as vezes a pessoa exerce outros tipos de trabalho não remunerado, como cuidar dos filhos ou ser dona de casa.	
Garça	Questão 2.	Separar a questão, pois a dois tópicos importantes e diferentes, por exemplo: -Você tem trabalho remunerado? (Atualmente, você possui algum vínculo de trabalho remunerado?) Você é bolsista? Se sim, descreva.... *Porque as vezes a aluna vai estar trabalhando, mas não será bolsista então a resposta é sim, mas não há o que descrever sobre o projeto e aqui acho que caberia uma terceira questão. Você participa de algum projeto de pesquisa, extensão ou ensino como voluntária, mesmo não sendo bolsista? Se sim, descreva um pouco....	Aderimos a mudança, pois, a divisão e a

	Você tem trabalho remunerado? É bolsista? Se sim, descreva um pouco mais sobre seu trabalho ou projetos de pesquisa, ensino ou extensão que faça parte.	Seria três perguntas: -Você tem trabalho remunerado? (Atualmente, você possui algum vínculo de trabalho remunerado?) Você é bolsista? Se sim, descreva.... Você participa de algum projeto de pesquisa, extensão ou ensino como voluntária, mesmo não sendo bolsista? Se sim, descreva um pouco....	reestruturação das perguntas, tornou elas mais objetivas e alinhadas com os objetivos do trabalho.
Capivara		As perguntas 2, 5 e 8 são similares. Talvez seja possível unificá-las em uma questão central.	
Arara-azul		Você tem trabalho remunerado? Se sim, descreva um pouco mais sobre seu trabalho. É bolsista? Se sim, descreva um pouco mais sobre seu projeto de pesquisa, ensino ou extensão.	
Garça	Questão 3 Reside em qual cidade?	Opcional! Seria identificar se a estudante precisou sair de sua cidade natal para estudar aqui, então poderia apenas complementar a questão sobre se houve a necessidade de mudança para o estado do MS.	Aderimos a mudança, com um foco em observar se as licenciandas possuem um deslocamento exaustivo, em detrimento a totalidade do seu dia a dia.
Capivara		Para a pergunta 3, é interessante saber o tempo que estas estagiárias gastam em suas tarefas do dia a dia. Sugestão: “Qual o tempo médio de deslocamento entre sua residência, local de trabalho e universidade? Dê detalhes sobre seu trajeto”.	
Capivara	Questão 4 Quais Estágios você já concluiu no Curso de Licenciatura em Química?	Interessante incluir um objetivo pedagógico na pergunta 4. Saber quais estágios já foram concluídos e a contribuição de cada um na formação das estagiárias pode ser uma constatação importante para o trabalho.	Aderimos a mudança, pois, entendemos que o percurso dos Estágios, é importante para a pesquisa.
Capivara	Questão 5 Como você articula seu tempo entre as demandas do Estágio Supervisionado e o seu trabalho?	As perguntas 2, 5 e 8 são similares. Talvez seja possível unificá-las em uma questão central.	Aderimos a mudança, pois, é importante para a pesquisa saber como é a articulação do tempo, entre os fatores que envolve a estagiária trabalhadora.
Arara-azul		Como você articula seu tempo entre as demandas do Estágio Supervisionado, sua família, vida pessoal, estudo e pesquisa e o seu trabalho?	
Arara-azul	Questão 6 Quais as dificuldades que você encontrou ao realizar os Estágios?	Quais as dificuldades que você encontrou ao realizar os Estágios? Quais estratégias utilizou para superá-las?	Aderimos a mudança, pois, é de interesse conhecer as estratégias que as estagiárias trabalhadoras utilizam para conciliar as demandas impostas a elas.
Arara-azul	Questão 7 Como foi para você encontrar escolas para realizar o Estágio Supervisionado ao longo do Curso?	Relate suas experiências nas escolas para a realização do Estágio Supervisionado ao longo do Curso?	Aderimos a mudança, pois, as duas questões unificadas, possui um potencial que ajudará as estagiárias a relatar suas experiências.
Garça	Questão 8 Se você trabalha descreva sobre os desafios que você	“Se você trabalha, descreva os desafios que enfrenta ao tentar conciliar o trabalho, estudo e estágio.” Adicionar a vírgula após a palavra (trabalha).	Aderimos a mudança, excluindo essa questão e reformulando melhor

Capivara	enfrenta ao tentar conciliar o trabalho, estudo e estágio?	As perguntas 2, 5 e 8 são similares. Talvez seja possível unificá-las em uma questão central.	a questão seis dessa mesma tabela.
Onça-parda	Sugestões de novas perguntas.	Coloquei mais algumas sugestões de questões sobre rotina, carga horária, que talvez possa ser útil para a escrita posteriormente. 9. Qual a sua carga horária semanal (Descreve o quantitativo de horas de serviço, quanto tempo gasta de transporte diário para deslocamento para a faculdade, carga horária da faculdade)? 10. Aos finais de semana, precisa realizar alguma atividade em casa ou tem tempo dedicado somente ao estudo? 11. Possui filhos? Mora sozinha? Mora com os pais? É responsável por suas despesas? 12. Acredita que o estágio te prepare realmente para a prática escolar?	Não aderimos a mudança, pois, as perguntas já formuladas, possuem elementos similares as perguntas das sugestões.
Borboleta azul	Respondeu as questões em forma de relato.	Não senti dificuldades nas questões, as questões conseguiram alcançar o objetivo de fazer eu responder de maneira confortável.	Não aderimos a mudança, pois, o retorno foi positivo em relação as questões.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A partir dessa etapa da validação, revisamos as questões por meio de leitura, diálogo com a pesquisa intencionada e imersão nas sugestões encaminhadas pelas colaboradoras. A partir desse movimento de análise validamos as questões, as quais estão expressas no quadro abaixo:

Quadro 3: Questões validadas.

Perguntas catalisadoras revisadas
1. Qual ano você entrou no Curso de Licenciatura em Química?
2. Você possui trabalho remunerado ou informal, que demande tempo exclusivo de sua pessoa?
3. É bolsista ou exerce alguma atividade extra estudo? Se sim, descreva um pouco mais sobre seu trabalho ou projetos de pesquisa, ensino ou extensão que faça parte?
4. Qual o seu trajeto de deslocamento entre sua residência até a universidade, indicando a localidade do ponto de partida e tempo de deslocamento?
5. Quais Estágios você já concluiu no Curso de Licenciatura em Química e como você enxerga os Estágios no seu contexto pedagógico e pessoal?
6. Como você articula seu tempo entre as demandas do Estágio Supervisionado V, trabalho, estudos, família e vida pessoal?

7. Quais as dificuldades que você encontrou em estudar, trabalhar e realizar o Estágio Supervisionado V, e quais estratégias utilizou para superá-las?
8. Como foi para você encontrar escolas para realizar o Estágio Supervisionado V e sua experiência na mesma?

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Após o processo de validação das perguntas catalisadoras, essa versão final foi enviada para as estagiárias trabalhadoras.

4.2. Processo imersivo nas Escrevivências: aproximações com a pesquisa narrativa

As Escrevivências foram analisadas a partir das concepções da pesquisa narrativa, como diz Dorneles (2016, p. 41), ela aponta que “na pesquisa narrativa, o pesquisador é um dos participantes da investigação, aprende com suas próprias histórias e com as histórias de seus participantes”. A autora também acrescenta que a pesquisa narrativa se distingue da pesquisa tradicional realizada nas instituições acadêmicas, destacando nuances, entre as quais menciona o “lugar da teoria”.

Assim, enquanto na pesquisa tradicional a teoria antecede a investigação, na pesquisa narrativa o processo inicia-se pela apresentação da experiência e a teoria é incorporada posteriormente. Autores como Clandinin e Connelly (2011, p. 16) defendem que adotar a pesquisa narrativa implica na compreensão de que “a narrativa se torna um caminho para entendimento da experiência”.

Em diálogo com a pesquisa narrativa, compreendo essas Escrevivências não como produções de conhecimento sobre a formação inicial de professoras trabalhadoras do período noturno (Clandinin; Connelly, 2015; Dorneles, 2016). Ao assumir a Escrevivência como fundamento epistemológico (Evaristo, 2020; 2020a), reconheço que essas narrativas não se limitam a relatos individuais, mas expressam trajetórias coletivas atravessadas por marcadores de gênero, classe, tempo e trabalho.

Nesse contexto, tivemos a devolutiva de duas Escrevivências, vale ressaltar que ambas estagiárias trabalhadoras. Para somar essas duas Escrevivências acrescentei também meu processo de escrita da Escrevivência. Portanto, a análise que se desenha envolve três escritas de mulheres trabalhadoras que estudam no Curso de Licenciatura em Química no período noturno.

Os codinomes para as escritas foram: Laura, Amanda e Fabiana. Essas Escrevivências revelam como o período noturno constroem suas trajetórias formativas, em meio as três demandas: estudo, trabalho e ES V.

5 Dificuldades e conciliações vivenciadas pelas estagiárias trabalhadoras do curso de licenciatura em química do período noturno

As Escrevivências evidenciam um conjunto de dificuldades que atravessam as trajetórias acadêmicas e revelam como a conciliação entre trabalho, estudo e Estágio se constitui como um processo exaustivo, continuamente tensionado por limites institucionais, temporais e emocionais. Nesse espectro destaco as Escrevivências das colaboradoras Laura, Fabiana e Amanda, que constitui um processo marcado por tensões estruturais, emocionais e institucionais. As Escrevivências foram produzidas por três estagiárias trabalhadoras do curso de Licenciatura em Química da UFGD, todas matriculadas no ES V no período noturno. As três narram trajetórias marcadas por longos deslocamentos, acúmulos de funções e necessidade constante de reorganizar horários para permanecer no curso.

Escrevivência de Laura.

“Oi meu nome é Laura Marques, ingressei no curso de Licenciatura em Química em 2019. No ano seguinte, em 2020, engravidei e, juntamente com o início da pandemia, precisei me afastar da universidade por um período, pois conciliava um filho pequeno, trabalho em tempo integral e as aulas noturnas. Durante minha trajetória acadêmica, participei do PIBID e do PIBIC, sendo bolsista em ambos os projetos, o que contribuiu significativamente para minha formação. Minha rotina sempre foi bastante intensa: eu saía do trabalho às 17h, pegava o ônibus às 17h40 para chegar à universidade por volta das 19h e retornava para casa às 22h10.

Com o início dos estágios, a rotina tornou-se ainda mais desafiadora. Eu precisava encontrar uma escola que aceitasse estagiários no período noturno, além de conciliar os horários das aulas da universidade com os dias do estágio. Muitas vezes precisei faltar a outras disciplinas para cumprir as horas obrigatórias. Além disso, elaborar planos de aula em meio ao trabalho em período integral e às responsabilidades familiares exigia esforço diário. Por diversas vezes, tive que pedir liberação no trabalho para realizar atividades do estágio, e nem sempre essa liberação era concedida.

Já concluí os Estágios I, II e III e atualmente estou realizando o Estágio V. Considero os estágios fundamentais para o desenvolvimento pedagógico, pois permitem

que tenhamos uma noção real do trabalho docente e das situações que enfrentaremos futuramente. Entretanto, correlacionar estágio, trabalho, aulas na universidade, cuidados com a casa, família e criação de um filho torna o tempo ainda mais limitado, especialmente para as mulheres, que geralmente acumulam múltiplas funções.

As dificuldades de estudar e trabalhar ao mesmo tempo são muitas, pois buscamos sempre dar o nosso melhor na universidade, mas acabamos nos privando de algumas coisas porque também precisamos entregar bom desempenho no trabalho. Além disso, existe o desejo de ser exemplo para os filhos e orgulho para a família, o que aumenta ainda mais a pressão.

A busca por uma escola para realizar o Estágio V foi tranquila, pois na minha cidade havia apenas uma escola e fui aceita de imediato. O que realmente se tornou complicado foi organizar os dias e horários entre trabalho, estágio e universidade, exigindo planejamento constante e disposição para enfrentar uma rotina bastante intensa.

Apesar da rotina puxada, sinto orgulho do caminho que tenho construído. Seguir estudando, trabalhando e cuidando da minha família não é fácil, mas cada conquista me lembra que estou exatamente onde deveria estar. Continuo com o coração cheio de força e esperança no futuro”.

Escrevivência de Fabiana

“Sou uma acadêmica do ensino noturno do Curso de Licenciatura em Química desde 2019 e venho por meio dessa Escrevivência, compartilhar a minha resistência de quem vive na contramão da conciliação entre estudo e trabalho, enfrentando as dificuldades dos estágios noturnos. Encontro-me nessa condição de licencianda trabalhadora desde o início do curso. Sempre foi uma correria, uma tensão, uma preocupação com prazos, uma constante relação entre organizar um “tempinho do tempo livre” que não temos. Sempre tive que escolher uma opção da qual não se tem muitas opções. É uma árdua batalha entre o tempo de serviço, da universidade, dos trabalhos acadêmicos e da vida pessoal, até porque lembramo-nos que somos seres humanos e possuímos uma vida para zelar, para além da universidade e trabalho. Um exemplo específico a ser problematizado são os Estágios Supervisionados, em que não possuo o intuito de desmerecer o processo, tenho total entendimento que os Estágios são de extrema importância para a formação das professoras. É nessa fase em que a teoria e a prática são experienciadas em conjunto e agrega para e na formação. Eu pretendo trazer uma visão diferente, uma visão na qual é esquecida e pouco comentada, quero compartilhar as dificuldades que as estudantes trabalhadoras enfrentam ao cursar 400

horas de Estágios nas Licenciaturas, conciliação entre tempos no serviço para realizar as atividades, pedidos de liberação, organização e planejamento entre estudos e afazeres gerais. Acredito que muitas estudantes se encontram em situações iguais ou semelhantes a que eu vivi, vivo e viverei até a conclusão do curso, ou seja, possuem dificuldades para se encaixarem e se organizarem nas demandas estabelecidas, dificuldades enfrentadas por condições nas quais não possuímos controle, condições segregadoras que não nos oferecem as opções do “Sim” ou “Não”. E que, infelizmente, refletem em nossos desempenhos acadêmicos e pessoais”.

Escrevivência de Amanda.

“Entrei no curso de licenciatura em química da UFGD em 2021. minha primeira intenção sempre foi cursar bacharelado, mergulhar nos laboratórios e viver aquilo que eu imaginava ser “a verdadeira química”. mas o curso era integral, e eu sabia que não podia abrir mão de trabalhar. então escolhi a licenciatura, não porque eu não sonhava mais, mas porque era o caminho possível dentro da minha realidade. no fundo, eu carregava uma certa frustração, mas também uma esperança teimosa de que, de alguma forma, tudo faria sentido. com o passar do tempo, esse sentido realmente chegou. quando entrei no pibid, algo em mim mudou profundamente. o contato com a escola, com adolescentes, com as dificuldades e as alegrias do ensino, despertou em mim uma nova visão da licenciatura. comecei a perceber que ser professora não era um “plano b”, mas uma possibilidade real e bonita de futuro. foi ali que nasceu em mim um amor inesperado pela docência, um amor que cresceu silenciosamente, mas que hoje carrego com muito orgulho. em 2024, minha vida se transformou novamente: me tornei mãe. meu filho trouxe luz, trouxe sentido e trouxe também uma nova força, mesmo quando tudo parecia impossível. mas, junto dessa nova felicidade, vieram também muitos desafios. o cansaço físico, a responsabilidade constante, as noites mal dormidas e a necessidade de não deixar meus estudos pararem. para não atrasar minha graduação, cursei disciplinas a distância, estudava enquanto ele dormia ou entre uma tarefa e outra. eu me dividia em muitos papéis, mas o sonho de me formar continuava maior do que qualquer obstáculo. hoje, minha rotina é extremamente desgastante. meu trabalho fica longe de casa, e a faculdade fica em outra cidade. todos os dias, preciso pegar ônibus para chegar ao trabalho, voltar para buscar meu filho na creche, cuidar da casa e ainda correr para pegar outro transporte para a universidade, é uma viagem constante, um vai e vem que parece não ter fim. muitas vezes, chego na sala de aula cansada, com o corpo pesado, mas com a mente insistindo em continuar. o trajeto longo, os ônibus lotados, os atrasos, as esperas no ponto... tudo

se acumula, e ainda assim eu sigo, porque sei que cada ida é um passo a mais rumo ao meu diploma. conciliar trabalho, maternidade, casamento e vida acadêmica é uma luta diária, silenciosa e intensa. às vezes, preciso abrir mão de estar com meu filho e meu marido isso dói profundamente. a culpa às vezes me acompanha: a culpa de não conseguir brincar mais, de não estar presente o tempo que eu gostaria, de viver sempre correndo contra o relógio. mas também sei que tudo que estou fazendo hoje é por eles, para garantir um futuro melhor, para ser exemplo de perseverança, para mostrar que, mesmo com dificuldades, é possível continuar. meus dias são puxados, meu corpo cansa, mas meu coração não desiste. o estágio supervisionado, o trabalho, os estudos, a maternidade, a casa... tudo se mistura, tudo se atropela, mas nada me faz parar. as aulas de estágio eram preparadas durante semana, todas revisadas pela professora, consigo estudar na hora do almoço no meu trabalho, pois almoço e o restante do tempo estudo, ou faço as atividades da faculdade em casa, quando chego do trabalho, se a casa estiver organizada e limpa, consigo estudar até dar a hora de buscar meu filho na creche e estudo quando chego da faculdade, quando sinto necessidade. cada obstáculo superado me mostra o quanto me tornei mais forte do que eu imaginava ser. minha rotina é corrida, cansativa e, muitas vezes, exaustiva. entre demandas de estágio, trabalhos acadêmicos, casa, cuidado com meu filho e a pressão emocional de querer dar conta de tudo, já me vi no limite várias vezes. mas sigo firme. agora falta apenas um semestre para conquistar meu diploma. e quando penso nisso, sinto uma mistura enorme de orgulho, emoção e alívio. sei que essa trajetória não é fácil, e nunca foi. mas também sei que ela é minha, construída com coragem, sacrifícios, lágrimas, ônibus lotados, noites mal dormidas e um amor imenso pelo meu filho e pelo futuro que desejo para minha família. eu continuo. continuo porque aprendi que persistir também é um ato de amor, amor pelos meus sonhos, pela minha formação e, principalmente, pela família que construí. hoje, quando olho para trás, sinto orgulho da trajetória que estou construindo. não é perfeita, não é fácil, não é leve. mas é minha. e é repleta de persistência, coragem e amor. amor pela química, pela educação, pela maternidade, pela família e por mim mesma. falta pouco. e cada passo que dou me lembra que, apesar dos caminhos difíceis, eu nunca deixei de caminhar”.

Laura, por exemplo, situa sua trajetória desde o ingresso em 2019, destacando a experiência com programas como Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e a sobrecarga que se intensifica com a maternidade e o Estágio, “Durante minha trajetória acadêmica, participei do PIBID e do PIBIC, sendo bolsista em ambos os projetos, o que

contribuiu significativamente para minha formação. [...] Com o início dos estágios, a rotina tornou-se ainda mais desafiadora.”

5.1. Análise das Escrevivências das estagiárias trabalhadoras

Fabiana, por sua vez, explicita desde o início sua condição de licencianda trabalhadora do noturno, apontando a sensação de viver “na contramão da conciliação entre estudo e trabalho” e o peso das 400 horas de Estágio para quem já atua em jornada de trabalho, “Sempre foi uma correria, uma tensão, uma preocupação com prazos, uma constante relação entre organizar um ‘tempinho do tempo livre’ que não temos. Sempre tive que escolher uma opção da qual não se tem muitas opções.”

Amanda, ao narrar sua trajetória a partir de 2021, evidencia a mudança de sentido em relação à licenciatura, especialmente após participar do PIBID, e como a maternidade, o trabalho e os deslocamentos intensificam a sensação de limite físico e emocional, “Meu trabalho fica longe de casa, e a faculdade fica em outra cidade. Todos os dias, preciso pegar ônibus para chegar ao trabalho, voltar para buscar meu filho na creche, cuidar da casa e ainda correr para pegar outro transporte para a universidade.”

Essas escritas dialogam com a análise de Marques-de-Oliveira e Ferreira (2020), ao mostrarem que a formação inicial de professoras é atravessada por disputas curriculares e institucionais, mas também por condições concretas de vida que dificilmente aparecem nos documentos oficiais. Ao narrar suas trajetórias, as colaboradoras desmontam a imagem da estudante abstrata e neutra, colocando em evidência que a formação se constrói a partir de sujeitas concretas, trabalhadoras, muitas vezes mães, que resistem para permanecer na universidade.

Um eixo central que atravessa as três Escrevivências é a organização do tempo como campo de disputa permanente. As colaboradoras descrevem jornadas nas quais o trabalho, o Estágio, o deslocamento e as responsabilidades familiares se sobrepõem, produzindo uma sensação constante de insuficiência temporal.

Nesse íterim, Laura sintetiza esse cenário ao relatar sua rotina diária, “Eu saía do trabalho às 17h, pegava o ônibus às 17h40 para chegar à universidade por volta das 19h e retornava para casa às 22h10.”

Amanda, por sua vez, reforça essa percepção ao narrar que seus estudos ocorrem nos “intervalos possíveis” do dia, “Consigo estudar na hora do almoço no meu trabalho, pois almoço e o restante do tempo estudo, ou faço as atividades da faculdade em casa, quando chego do trabalho, se a casa estiver organizada e limpa.”

Essas narrativas coadunam com Carvalho (2001) em que discute sobre o ensino noturno ao afirmar que, para as estudantes trabalhadoras, o tempo de estudo é frequentemente “roubado” do descanso, do sono e do lazer. O que caracteriza a vida dessas estudantes é o trabalho, e é ele que fixa os limites do estudo, do lazer e do descanso (Carvalho, 2001).

Nesse viés, Farias (2010) destaca que a formação de professoras precisa considerar as condições socioeconômicas das licenciandas, sob pena de produzir um modelo formativo que não dialoga com a realidade da educação básica. As Escrevivências mostram que, quando o currículo e o Estágio são organizados como se todas as estudantes tivessem tempo livre e disponibilidade integral, as estagiárias trabalhadoras são colocadas em permanente condição de desvantagem.

Além disso, Carvalho (2001) evidencia que o ensino noturno é atravessado por profundas desigualdades de classe, são, majoritariamente, estudantes das classes trabalhadoras que se matriculam no noturno, não por escolha, mas por necessidade. As narrativas analisadas revelam exatamente esse quadro: as colaboradoras estudam à noite porque precisam trabalhar, e é essa condição que molda seus percursos formativos, seus ritmos e suas possibilidades de permanência.

Nas três Escrevivências, o Estágio Supervisionado V aparece como componente central da formação docente, mas vivido sob forte tensão. As colaboradoras reconhecem o ES como espaço de aprendizagem e de contato com a realidade escolar, em consonância com o que afirmam Pimenta (2012) e Carvalho (2017) ao entenderem o Estágio como momento privilegiado de articulação entre teoria e prática.

Laura, por exemplo, afirma, “Considero os estágios fundamentais para o desenvolvimento pedagógico, pois permitem que tenhamos uma noção real do trabalho docente e das situações que enfrentaremos futuramente.”

Fabiana complementa essa compreensão ao enfatizar que seu objetivo não é desmerecer o Estágio, mas denunciar as condições em que ele é vivenciado pelas estudantes trabalhadoras, “Não possuo o intuito de desmerecer o processo, tenho total entendimento que os Estágios são de extrema importância para a formação das professoras. [...] Quero compartilhar as dificuldades que as estudantes trabalhadoras enfrentam ao cursar 400 horas de Estágios nas Licenciaturas.”

Entretanto, as três narrativas indicam que a execução concreta do ES V se dá em condições que contrariam os próprios princípios formativos defendidos pela literatura. Perboni, Militão e Figueiredo (2020) mostram que, em muitas Licenciaturas, os Estágios

sofrem com falta desarticulação entre universidade e rede básica e ausência de políticas institucionais que reconheçam a especificidade das estudantes trabalhadoras. Nas Escrevivências, essas dificuldades aparecem sob a forma de:

- necessidade de deslocamento para outros períodos;
- pedidos de liberação no trabalho;
- necessidade de faltar a outras disciplinas para cumprir a carga horária do Estágio.

Laura explicita essa tensão ao narrar, “Por diversas vezes, tive que pedir liberação no trabalho para realizar atividades do estágio, e nem sempre essa liberação era concedida.”

Esse quadro aproxima-se da crítica de Pimenta e Lima (2017), para quem o Estágio, muitas vezes, é tratado de forma burocrática, como cumprimento de carga horária, sem a devida responsabilidade institucional e sem as condições materiais para que se torne, de fato, um espaço de reflexão teórico-prática.

À luz da LDB (Brasil, 1996), que prevê uma formação articulada entre teoria, prática e realidade da educação básica, as Escrevivências evidenciam uma contradição importante: o Estágio é exigido legalmente, mas as condições institucionais oferecidas para sua realização por estagiárias trabalhadoras do período noturno permanecem insuficientes.

Esse cenário também confirma o diagnóstico de Freire (2018), ao afirmar que, quando a educação desconsidera a realidade concreta das oprimidas, situa-se mais do lado da domesticação do que da libertação. Ao organizar o Estágio como se todas as estudantes fossem plenamente disponíveis e desprovidas de outras responsabilidades, a formação docente tende a reforçar desigualdades já presentes na sociedade.

Apesar das numerosas dificuldades, as Escrevivências revelam um conjunto de estratégias de resistência que possibilitam a permanência das estagiárias trabalhadoras na formação. Uma primeira dimensão é a organização minuciosa do tempo, como já destacado, mas há também outros elementos: redes de apoio familiar, replanejamento constante de rotinas e, sobretudo, produção de sentidos para o ser professora.

Amanda relata que seu envolvimento com a docência se intensifica a partir do PIBID, quando a escola deixa de ser apenas um espaço de cumprimento de atividades para se tornar lugar de encontro, conflito e aprendizagem, “Quando entrei no PIBID, algo em mim mudou profundamente. [...] Comecei a perceber que ser professora não era um ‘plano B’, mas uma possibilidade real e bonita de futuro.”

Essa experiência relata sobre a importância de espaços coletivos formativos, como os ciclos do PIBID, na construção da identidade docente e na produção de sentido para a licenciatura. Além disso, as colaboradoras atribuem à sua trajetória um significado que ultrapassa o cumprimento de requisitos curriculares. Amanda sintetiza isso ao afirmar, “Cada obstáculo superado me mostra o quanto me tornei mais forte do que eu imaginava ser. [...] Falta pouco. E cada passo que dou me lembra que, apesar dos caminhos difíceis, eu nunca deixei de caminhar.”

Esse movimento pode ser lido à luz da Escrivência de Evaristo (2020; 2020a), para quem escrever sobre a própria experiência é um ato de afirmação, denúncia e produção de conhecimento. Ao escrever sobre as dificuldades e conciliações, as colaboradoras não apenas relatam, mas “escrevem” suas trajetórias, reivindicando a legitimidade de suas vozes no campo da formação docente.

Por fim, em diálogo com Freire (2018), entendemos a persistência dessas estagiárias trabalhadoras como ato de esperança. A conciliação entre estudo, trabalho e Estágio não é romantizada nas Escrivências, mas apresentada como luta cotidiana, feita de renúncias, cansaço e também de orgulho e projeto de futuro. A formação docente, nesse contexto, aparece como campo de disputa, no qual as estudantes insistem em permanecer, mesmo quando as condições institucionais parecem caminhar na contramão de suas vidas.

6 Formação docente na contramão: Reflexões finais sobre estudo, trabalho e Estágio

Este artigo teve como objetivo compreender como estagiárias trabalhadoras conciliam estudo, trabalho e Estágio Supervisionado V no período noturno, a partir das Escrivências de três licenciandas em Química da UFGD. Em diálogo com a literatura sobre formação inicial de professoras, Estágio Supervisionado, ensino noturno e Escrivência, buscou-se reconhecer essas escritas não apenas como exemplos ilustrativos, mas como produções de conhecimento sobre a própria formação docente.

A análise evidenciou a centralidade das três Demandas: estudo, trabalho e Estágio, na constituição das trajetórias das estagiárias trabalhadoras. As Escrivências mostraram que a formação no período noturno é atravessada por disputas temporais, deslocamentos longos, sobrecarga de responsabilidades e necessidade constante de reorganização de rotinas, confirmando as análises de Carvalho (2001) sobre o ensino noturno e de Farias

(2010) sobre a importância de considerar as condições socioeconômicas das licenciandas na formação de professoras.

Do ponto de vista do Estágio Supervisionado V, as narrativas revelaram um componente curricular reconhecido como fundamental para a articulação entre teoria e prática (Pimenta, 2012; Carvalho, 2017), porém vivido em condições que nem sempre garantem seu potencial formativo. As dificuldades de negociação de horário com o trabalho e a ausência de políticas institucionais específicas para estudantes trabalhadoras indicam que o Estágio, tal como está organizado, opera em contradição com os princípios de uma formação crítica e socialmente comprometida.

Ao mesmo tempo, as Escrivências também revelaram estratégias de resistência e permanência: organização minuciosa do tempo, construção de redes de apoio, engajamento em programas como o PIBID, produção de sentidos para a docência e elaboração de suas trajetórias como Escrivências (Evaristo, 2020; 2020a). Nesse sentido, as colaboradoras não apenas “conseguem conciliar” as Três Demandas, mas transformam essa conciliação em ato político e epistemológico, ao escreverem sobre ela e ao permanecerem na Licenciatura, apesar das condições adversas.

De uma perspectiva ampla, os resultados indicam a necessidade de que instituições como a UFGD, repensem suas políticas de Estágio e de permanência estudantil, considerando: maior flexibilização de horários e formatos para a realização do Estágio Supervisionado por estudantes trabalhadoras do noturno; reconhecimento, nos projetos pedagógicos de curso, de que a formação docente se faz a partir de sujeitos concretos, e não de uma estudante abstrata e desprovida de responsabilidades.

Como ponto negativo, reconhece-se que o estudo trabalhou com um número reduzido de Escrivências, o que pode ser entendido como limitado. Contudo, a profundidade das narrativas analisadas, em diálogo com a pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015; Dorneles, 2016), abriu caminhos para compreender a complexidade da formação de professoras trabalhadoras no período noturno, apontando a necessidade de estudos futuros que ampliem o número de colaboradoras e de contextos investigados.

Sublinhamos que Diniz (2024) contribuiu para compreender que a escolha de escrever este artigo no feminino universal, assim como a centralidade das Escrivências, é um gesto político que desloca a escrita acadêmica de uma suposta neutralidade. Ao adotar essa posição, esta pesquisa alinha-se às narrativas das estagiárias trabalhadoras, recusando o apagamento de suas experiências e afirmando que suas vidas, tempos e corpos importam na discussão sobre Estágio e Ensino Noturno.

Por fim, em um cenário em que a formação docente ainda é muitas vezes pensada a partir de uma pessoa abstrata, sem trabalho e sem responsabilidades pessoais, escutar e legitimar as Escrevivências de estagiárias trabalhadoras é uma forma de reivindicar outro modo de formar professoras: um modo que não caminhe na contramão das vidas reais que insistem em permanecer na universidade, estudando, trabalhando e estagiando.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Os estágios nos cursos de licenciatura. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. Ensino noturno: realidade e ilusão. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CLANDININ, Jean, CONNELLY, Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história de pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DINIZ, Débora. Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

DORNELES, Aline Machado. (2016) Rodas de investigação narrativa na formação de professores de química: pontos bordados na partilha de experiências. 2016. Tese (doutorado) –Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande-RS.

EVARISTO, Conceição. Escrevivência: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (org.). Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020a.

FARIAS, Luiz Carlos. Formação de professores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

MARQUES-DE-OLIVEIRA, Adriana; CALIXTO, Vivian dos Santos; RAMOS, Elaine da Silva; PEREIRA, Ademir de Souza. O privilégio inстал de ser coletivo: a experiência do I ciclo formativo PRP/PIBID Química da/na UFGD. Revista Debates em Ensino de Química (REDEQUIM), v. 9, n. 2, p. 5085, 2025. DOI: 10.53003/redequim.v9i2.5085.

PERBONI, Fabio; MILTÃO, Andréia Nunes; FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza (Orgs.). Estágio supervisionado sob diferentes olhares. Curitiba: Editora CRV, 2020.
PIMENTA, Selma Garrido. Estágio supervisionado e a formação de professores: unidade teoria e prática? 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez. 2017.